



PARA GOSTAR DE LER: A FRUIÇÃO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

Liozete da Silva Santos¹

RESUMO

A leitura é uma atividade fundamental para o desenvolvimento humano, sendo um dos principais pilares da educação. Através dela, somos capazes de adquirir conhecimento, expandir nossa visão de mundo e exercitar a nossa criatividade. No entanto, para que a leitura cumpra efetivamente o seu papel na formação dos indivíduos, é necessário que exista uma verdadeira fruição no ato de ler. Frente a isso, este estudo tem a meta de analisar as contribuições que a educação sistemática pode fornecer ao fomento ao ato de ler. Após as análises qualitativas, evidenciou-se que a fruição na leitura é essencial para que a educação cumpra o seu papel de formar indivíduos críticos, reflexivos e criativos. Promover o prazer pela leitura, incentivar a busca por novos conhecimentos e estimular a imaginação são práticas fundamentais para garantir que a leitura esteja realmente a serviço da educação. Portanto, é preciso investir em estratégias e políticas que valorizem a fruição na leitura e que tornem a experiência de ler cada vez mais enriquecedora e prazerosa.

Palavras-chave: Ato de Ler; Escola; Leitura; Prazer.

ABSTRACT

Reading is a fundamental activity for human development, being one of the main pillars of education. Through it, we are able to acquire knowledge, expand our worldview, and exercise our creativity. However, in order for reading to effectively fulfill its role in the formation of individuals, it is necessary that there is a true fruition in the act of reading. In view of this, this study aims to analyze the contributions that systematic education can provide to the promotion of the act of reading. After the qualitative analyses, it was evidenced that the fruition in reading is essential for education to fulfill its role of forming critical, reflective and creative individuals. Promoting the pleasure of reading, encouraging the search for new knowledge and stimulating the imagination are fundamental practices to ensure that reading is truly at the service of education. Therefore, it is necessary to invest in strategies and policies that value the enjoyment of reading and that make the experience of reading increasingly enriching and pleasurable.

Keywords: Act of Reading; School; Reading; Pleasure.

¹ Possui mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de La Integración de Las Américas (2021). Atualmente é pedagoga na Secretaria de Educação e Desporto (Seduc - Manaus/AM) professora e Coordenadora dos Anos Iniciais na Secretaria Municipal de Educação (Semed - Manaus/AM). Graduada em Direito pela Faculdade Metropolitana de Manaus - FAMEDRO (2015). Advogada no Escritório Marcela Paulo Advocacia - Manaus/AM. Pós-Graduada LATO SENSU em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro/RJ (2010). Graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas - Manaus/AM (2001)



INTRODUÇÃO

As sociedades do século XXI necessitam de leitores capazes de utilizar a informação para transformá-la em conhecimento. Neste contexto, a formação de leitores é uma das responsabilidades que tem sido desdobrada em duas vertentes: uma, que visa aumentar a prática da leitura regular por prazer, que se estende cada vez mais às escolas e às comunidades sob a forma de educação ou formação de utilizadores. Ademais, as competências informacionais ou alfabetização informacional também são incorporadas diante das mudanças nas modalidades de leitura, acesso, seleção e uso da variedade de conteúdos escritos, além da gama de recursos audiovisuais e gêneros hipertextuais, o que implica mudanças nas formas de ler, aprender e informar.

O cenário deste século exige inovação na função de formação de leitores, que se torna mais complexa pelas competências que hoje são exigidas para transformar a informação em conhecimento, que é revalorizada como denominador da sociedade atual e é considerada um elemento estratégico para impulsionar as economias, a inovação, a competitividade e a interação global. A produção de informação - cada vez mais abundante e constantemente transmitida através de dispositivos móveis em todos os momentos e em quase qualquer lugar do planeta - e a sua utilização tornam-se essenciais, uma vez que tendem a abranger a maior parte das atividades diárias, do trabalho, da aprendizagem, do entretenimento e da comunicação. Por esta razão, os cidadãos devem desenvolver competências de leitura para melhorar as capacidades num ambiente global competitivo, razão pela qual hoje é essencial resolver os fatores de risco.

Entre os problemas que ainda persistem e que para alguns países limitam a sua plena integração nas sociedades do conhecimento estão as lacunas sociais, uma das quais é causada por deficiências ou lacunas nos processos educativos; analfabetismo, analfabetismo funcional de comunidades que não tiveram oportunidade de exercer suas habilidades de escrita e leitura. Soma-se a isso as deficiências de leitura, identificadas em avaliações internacionais e nacionais de diversos países, entre alunos que concluíram o ensino básico e superior. Da mesma forma, constatou-se na última década uma diminuição da prática da leitura regular por prazer entre os jovens no processo educativo. Estes problemas



afetam sociedades que procuram homogeneizar o domínio da leitura e a aprendizagem de competências de informação e comunicação nos seus cidadãos.

Em suma, embora a abundância de informações hoje acessíveis, as oportunidades proporcionadas pelas tecnologias para aproveitar recursos na educação, no trabalho e nas atividades produtivas, na atualização permanente e no entretenimento ofereçam oportunidades de avanço social, também podem se tornar impactos adversos sobre comunidades com deficiências de leitura, informação e comunicação. O acima exposto não se limita apenas às comunidades desfavorecidas, mas também se estende às comunidades com níveis de educação mais elevados, condições em que as lacunas cognitivas, culturais, sociais e económicas podem piorar.

Dessa forma, o presente configura um contexto em que se exige a renovação dos modelos de formação de leitores para o desempenho da prática prazerosa de ler, a fim de contribuir para a solução dos problemas que limitam as oportunidades de acesso. Assim, prima-se pela utilização da informação para consolidar conhecimentos e conteúdos oferecidos pelos diferentes recursos, não só destinados a fins utilitários e cotidianos, mas também ao pleno desenvolvimento das capacidades de cada pessoa: cognitivas, reflexivas, críticas, dialógicas, criativas, imaginativas, afetivas, contemplativas e lúdicas, de admiração, curiosidade, livre arbítrio e alegria intelectual e estética.

Todos eles estão envolvidos na formação ao longo da vida, não só para fins utilitários, mas também para formar cidadãos que participam nas mudanças sociais em benefício de si mesmos, das suas comunidades e do ecossistema, e no desenvolvimento de um ambiente melhor.

Portanto, é necessário transformar e fortalecer a sala de aula como espaço de apropriação da informação, de aprendizagem, de formação, de recreação, de construção de uma sociabilidade que não mais se limita ao nível local, mas se estende ao nível nacional para abrir novas modalidades multiculturais de convivência como parte da globalização.

A responsabilidade formativa da escola não significa uma função educativa no sentido da pedagogia que se pratica na sala de aula, mas antes deve criar alternativas para além da aprendizagem escolar, dos ambientes de trabalho e familiar, e do interesse do consumo comercial.



Assim sendo, propomos que a função docente na formação de leitores potencialize a leitura e a informação em sentido amplo, em termos de uma variedade de códigos, práticas, usos, que além de solucionar necessidades escolares, acadêmicas, de trabalho e cotidianas, estimulam a capacidades dos indivíduos necessárias à sua formação e transformação, o que implica apropriar-se, capacitar-se e responsabilizar-se pela linguagem e pela informação, o que não se consegue de uma vez por todas, mas exige um desenvolvimento constante e permanente. Assim, cada indivíduo tem opções para se tornar um ator e não um objeto da palavra escrita e dos poderes discursivos que nos cercam e que agora se estendem ao âmbito digital.

Sob diferentes perspectivas, a função de formação de leitores afirma-se como parte da responsabilidade social da escola, especialmente no panorama das sociedades do século atual, em que as formas de ler, aprender e informar estão a ser transformadas. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar as contribuições que a educação sistemática pode fornecer ao fomento ao ato de ler.

LEITURA E INFORMAÇÃO: RESSIGNIFICANDO O PRAZER DE LER

O século XXI visa desenvolver sociedades do conhecimento, mas também sabemos que em cada época as comunidades conceberam as suas próprias formas de gerar informação, comunicá-la e transformá-la em conhecimento. Graças a isso, foram alcançados processos civilizatórios, mas os problemas de atrasos, exclusões ou lacunas sociais não foram resolvidos.

Ora, a peculiaridade do conhecimento científico-tecnológico, como afirma Olivé (2009), é que ele caminha para um lugar central, como o recurso do qual dependem a produção e os insumos nos sistemas de inovação, cujos resultados consistem em produtos, processos, formas de organização, sistemas ou serviços, são aplicados na resolução de problemas e na obtenção de benefícios para algum grupo humano.

Acrescenta que a ênfase numa autêntica sociedade do conhecimento deve estar na educação e nas condições que garantam o desenvolvimento de capacidades para aproveitar o conhecimento existente, para gerar novos conhecimentos necessários à resolução de problemas e à realização de planos de



vida, bem como como que haja disponibilidade pública efetiva do estoque universal de conhecimento (OLIVÉ, 2009).

Com efeito, a vasta informação a que é possível aceder nem a tecnologia mais inovadora não são suficientes, pois paradoxalmente podem tornar-se fatores de risco em comunidades que enfrentam deficiências na leitura e escrita e nas competências de informação e comunicação, das quais aqueles que alcançaram níveis mais elevados a educação não está isenta.

Nestas condições, já existem sinais de preocupação nas declarações expressas pela própria UNESCO, bem como nos diferentes autores que identificam elementos problemáticos que aprofundariam o relacionamento cognitivo, social e geracional entre os países. Logo, abre-se o fosso cognitivo entre aqueles que têm acesso a uma melhor educação, infraestruturas, recursos de informação de qualidade e competências para selecionar, validar, utilizar e tirar partido deles para gerar e inovar conhecimentos e, portanto, ter melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Ademais, o uso excessivo de tecnologias eletrônicas em idade precoce pode trazer efeitos adversos no processo de desenvolvimento neurológico das linguagens oral, escrita e visual e na maturação motora e emocional. Da mesma forma, modelos pedagógicos que privilegiam a rapidez nas fases iniciais de aprendizagem da leitura podem ter efeitos negativos a nível neuronal ao exigirem capacidades que nem todos os organismos alcançam ao mesmo tempo, uma vez que amadurecem em ritmos diferentes e de formas diferentes progressivamente com a oralidade. leitura, leitura silenciosa, ortografia e escrita manual (DEHAENE, 2014).

Focar excessivamente na tela retira os sentidos e a percepção necessários para ler os sinais e extrair informações sobre a realidade que nos rodeia. A utilização ilimitada da tecnologia pode levar a uma dependência crescente dela, o que provocaria o enfraquecimento das capacidades humanas que continuam a ser essenciais, porque por mais aperfeiçoadas que tenham sido as máquinas até agora, elas não substituíram as pessoas no processo de transformar informação em conhecimento, trabalho em que a leitura é parte essencial (DEHAENE, 2014).

A quantidade excessiva de informação e a sua constante inovação, as capacidades humanas ultrapassadas para discernir a sua qualidade e a



tendência para passar de uma leitura para outra favorecem leituras fragmentadas, rápidas, superficiais, dificultando a reflexão e a assimilação (DEHAENE, 2014).

Os meios de comunicação social e a Internet oferecem entretenimento e uma vasta gama de conteúdos, muitos deles banais, que podem conduzir a um tipo de sociedade orientada para o entretenimento generalizado. A rapidez, variedade e facilidade de acesso aos meios de informação e entretenimento permitem a comunicação a qualquer hora e em qualquer lugar através de dispositivos móveis, o que pode constituir uma massa confortável na sua ignorância, fascinada pela tecnologia e cada vez mais alienada e indiferente, sem assumir a sua cívica. responsabilidade, diferentemente de outra formada por especialistas em conhecimento produtivo. Assim, com uma massa mal preparada este modelo social será economicamente insustentável (BREY, 2009).

Diferentes culturas podem estar em risco à medida que as tradições e os conhecimentos teóricos e práticos que as sustentam se desvanecem, uma vez que é dada especial importância à inovação, sem considerar que as sociedades do conhecimento exigem a memória e a transmissão do conhecimento (BREY, 2009).

A superespecialização incentiva a fragmentação do conhecimento, pois pouco contribui para construir vínculos com outros saberes, causando uma visão estreita do todo, pois se sabe muito sobre uma parte sem ter consciência do que se desconhece. Isso pode gerar “certezas” que causam problemas éticos, de comunicação e de incompreensão, onde se privilegiam leituras da especialidade e se reduzem ou omitem leituras que podem ampliar o horizonte, por exemplo, literatura ou ensaios sobre temas diversos.

Excluir da formação as variadas possibilidades das artes plásticas, da fotografia, do cinema, do teatro ou da música, que podem ajudar o indivíduo a adquirir um património cultural geral, a conhecer e pensar os problemas humanos e a contextualizar a informação da especialidade, de tal forma que se reduz a possibilidade de estabelecer relações e influências recíprocas entre as partes e o todo, num mundo cada vez mais complexo, dado que se produzem agora inter-relações multiculturais com efeitos sociais numa dimensão global (MORIN, 2002).



As escolas podem enfrentar conflitos no cumprimento da sua missão de oferecer acesso gratuito à informação e aos recursos de leitura face ao modelo de privatização do conhecimento, que pode estender-se ao livro no seu formato tradicional e em todos aqueles possibilitados pelas TIC, devido ao domínio das obter lucros das empresas que os produzem, muito contrário à difusão do conhecimento como um bem público cuja produção e acessibilidade deveriam ser consideradas como parte da infraestrutura exigida por qualquer sociedade contemporânea, cuja existência e funcionamento, então, não deveriam ser dos Estados e organizações internacionais não estão envolvidas.

Somado a tudo isso está o declínio na leitura regular por prazer. De acordo com avaliações de leitura realizadas pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), a leitura por prazer diminuiu cinco pontos entre 2000 e 2009; Além disso, argumenta-se que uma diferença crucial entre os alunos que têm um bom desempenho na avaliação de leitura e aqueles que têm um mau desempenho é se leem diariamente por prazer, e não quanto tempo passam a ler. Esta instituição afirma que em média os alunos que leem diariamente por prazer têm uma pontuação superior a um ano e meio de escolaridade do que aqueles que não o fazem (PISA, 2011).

Nos Estados Unidos constatou-se que a leitura por prazer diminuiu nos últimos vinte anos, especialmente entre os jovens entre 18 e 24 anos de idade. Nota-se também que existe uma relação entre a leitura cotidiana por prazer e o desempenho acadêmico, pois melhora a compreensão da leitura, o estilo de escrita, o vocabulário, a ortografia e a gramática (GAUDER et al., 2007).

Diante desse panorama, surgem considerações sobre a necessidade de renovação da função da escola, que tradicionalmente faz parte do sistema de comunicação social que preserva e facilita a articulação entre as informações registradas e as diferentes comunidades. Por isso, também tende a ser revalorizado como parte das soluções para os problemas de leitura e acesso e uso da informação. A formação de leitores está entre os contributos que a nossa disciplina pode dar para a construção das sociedades do século atual, o que nos obriga a inovar o paradigma escola como espaço de formação diversificado.



ALFABETIZAÇÃO MÚLTIPLA NA FORMAÇÃO INTEGRAL DE LEITORES

A função social da escola pode ser potencializada nas sociedades do conhecimento que exigem que os cidadãos tenham maior domínio da leitura para aumentar o desempenho acadêmico e profissional e a aprendizagem ao longo da vida. Diante disso, a escola pode contribuir com propostas que ampliem a promoção da leitura para outras possibilidades, como a leitura crítica, a leitura acadêmica, o diálogo entre literatura, artes e ciências, a construção da sociabilidade, a alfabetização múltipla e o desenvolvimento de competências informacionais.

Os programas de formação em leitura podem incorporar uma ampla gama de recursos que promovam o prazer, o desejo de ler e diferentes modalidades de leitura. Os recursos que podem ser integrados em atividades de leitura recreativa oferecem ao mesmo tempo uma variedade de temas de diferentes áreas do conhecimento para leitura crítica ou comparativa, investigação, conhecimento de diferentes culturas (dado que em alguns países é promovida a formação multicultural).

Além de apoiar temas especializados, enriquece-se o vocabulário e amplia-se a cultura, incentiva-se o desenvolvimento de diferentes sentidos, experiências sensíveis e alegrias intelectuais. Com tudo isso, na sala de aula os usos da leitura podem ser ampliados e diversificados, ao mesmo tempo fortalecendo as habilidades que leituras mais profundas implicam, e reconstruindo as representações negativas que distanciaram ou frustraram encontros prazerosos com a leitura na trajetória dos leitores.

A alfabetização múltipla é considerada por Masny (2010) como uma variedade de textualidades com múltiplos significados que se encontram nos espectros visual, oral, escrito, tátil, olfativo, digital, multimodal. Constituem textos, em sentido amplo, música, artes visuais (pintura, escultura), física, matemática, combinações digitais que se fundem com religião, sexo, raça, cultura e poder. Estas literacias são atualizadas de acordo com um contexto particular no tempo e no espaço em que se inserem. Masny (2010) observou um enriquecimento das capacidades de pensamento e associações mais complexas em comunidades que leem códigos diferentes.



A leitura dos variados códigos oferecidos pelas artes plásticas, cinema, ópera, teatro, dança, histórias em quadrinhos, programas noticiosos e de mídia de massa, rádio, pode ser incorporada aos gêneros acadêmicos e à literatura escrita e televisiva, os gêneros eletrônicos também oferecem diferentes códigos como o. modalidade de hipertextos, blogs e videogames, mas esquecem os recursos que a tecnologia eletrônica oferece para construir a sociabilidade por meio da leitura e da informação, como fanfics, redes sociais, *booktubers*, leitura social. Outras formas únicas de leitura que também ampliam o espectro da leitura são os fenômenos naturais, a arquitetura, os elementos do mundo natural e os esportes.

Todos os recursos listados acima implicam modalidades de leitura específicas, para as quais é necessário aprender a ler os códigos em que se expressam. Isso leva a uma alfabetização múltipla que amplia o aspecto informativo e a leitura crítica, comparativa, profunda, no sentido de desvendar além do aparente, pode até favorecer uma leitura hermenêutica, semiótica, onde também se encontram elementos simbólicos que são utilizados a título de exemplo no cinema ou artes plásticas e que sejam propícias à investigação. Essas formas de leitura podem motivar a reflexão, o desejo de saber e o prazer, ou podem gerar experiências sensíveis. A variedade de códigos ativa diferentes áreas do cérebro relacionadas à memória, à associação de informações, experiências, sensações, felicidade, raiva, tristeza ou alegria. Assim, quanto maior a variedade e novidade das informações que o cérebro recebe dos sentidos, a ativação neuronal favorecerá a expansão das capacidades humanas que já indicamos, das quais dependem a produção do conhecimento, da invenção e das artes.

A leitura de diferentes códigos também contribui para o desenvolvimento das competências envolvidas nas literacias que fazem parte da aprendizagem das línguas das diferentes disciplinas que são promovidas no letramento acadêmica e informacional. O modelo *Iceberg* proposto por Kurbanoglu (2013) engloba competências e letramentos de diferentes códigos escritos e audiovisuais. O modelo de McKenzie (2010) inclui diferentes literacias: comunicação, que abrange leitura, escrita, expressão oral, audição; o visual, o histórico-cultural, o multimídia, o digital, o matemático, o científico, as redes sociais, o financeiro, o musical, o gráfico e o cinestésico.



Os diferentes recursos escritos e toda a gama de meios visuais e sonoros foram legitimados no século XXI como fontes de informação e como objetos de leitura e cultura. Lembremos que Eco (1994) e Barthes (1986) falaram desde o século passado sobre os vários sinais encontrados no mundo social, cultural e natural que ligam os canais sensoriais à forma como as pessoas recebem determinados sinais classificados pela mente. Assim, o destinatário recebe sinais de canais sensoriais e os transforma em mensagens.

Para ambos os autores, da leitura desses sinais que nos cercam, podemos extrair tanto informações para a construção do conhecimento quanto capital cultural para o amadurecimento das capacidades envolvidas na percepção. Tudo isso esclarece as informações que os cidadãos leem nos elementos, fatos, objetos ou mensagens que compõem os contextos e que participam da sua formação.

Hoje em dia, as competências de leitura tornaram-se mais complexas, por isso a nossa proposta é expandir os programas educativos para além da procura do prazer em si, para promover o desejo de conhecer, de indagar, de refletir, de imaginar, de criar, de saber além do óbvio, ou seja, uma leitura mais diversificada que os indivíduos se apropriem para desenvolver um patrimônio informativo, cognitivo e cultural mais robusto e versátil do que possam obter os elementos para alcançar uma formação integral, como propõe a *Bildung*. Assim, na medida em que se forja uma iluminação subjetiva progressiva, alcança-se a iluminação do todo e da própria sociedade: quanto mais esclarecido o indivíduo, mais esclarecido será o todo social.

A escola pode ser, então, aquele espaço onde se cruzam os conhecimentos dos produtos humanos de todos os tempos, favorável à aprendizagem, à formação, à cultura, à informação; propício à iluminação, descoberta e alegria. As escolas terão de considerar a diversificação das suas coleções e a geração de bibliografias amplas e diversificadas para apoiar programas escolares e académicos, para além dos culturais. Mas o docente também terá de cultivar uma cultura ampla e variada.

Nesse sentido, Shera (1990) considerou que o conhecimento fundamental do docente deve ser de cultura ampla. Além disso, afirmou que tal conhecimento só pode ser compreendido do ponto de vista da responsabilidade social exercida pela escola. Independentemente do tipo de utilizadores, o interesse do docente



reside na interação das mentes humanas comunicando-se através das barreiras do espaço e do tempo, através de registos gráficos, cujo conteúdo pode ser entregue através dos sentidos, da audição e do tato, bem como da visão, pois entende-se que um registro gráfico pode ser sonoro e tátil, além de visual.

Nesta ideia o autor alude a uma concepção mais ampla de recursos de informação. Deve-se notar que durante décadas as escolas mais modernas inspiraram os meios audiovisuais, ao contrário das escolas tradicionalistas que se concentraram no desenvolvimento de coleções impressas como fontes legítimas de informação. Porém, atualmente a tendência é diversificar as coleções. Por outro lado, a cultura digital também escrita tem contribuído para renovar a sua interação com os códigos audiovisuais que compõem os gêneros hipertextuais e que também oferecem uma gama muito ampla de recursos para diferentes atividades científicas, acadêmicas, educacionais, laborais, produtivas, recreativas, estéticas. e doméstico, bem como possibilidades de comunicação através de códigos escritos e audiovisuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito do projeto das sociedades do conhecimento, é oportuno recordar dois pontos levantados por Shera (1990), a base do sistema educativo é a comunicação da informação, onde esta deve ser entendida como qualquer manifestação gráfica de uma atividade intelectual. O docente deve ver o mundo profissionalmente como um intrincado modelo de comunicação. Em relação a isso, Shera (1990) afirma que a aptidão do docente dependerá de sua capacidade de abstrair um sistema do mundo intelectual, emocional, social e físico que o rodeia - o mundo que ele 'serve'.

É necessário um modelo de escola para as sociedades do século XXI, que se caracterizam por mudanças profundas no modelo cultural que privilegia o conhecimento num contexto social global que exige produção e inovação, articulado pela tecnologia electrónica que acelera a produção e a troca de informação, e não deixe de lado as comunicações.

Neste contexto, transformam-se as formas como os cidadãos aprendem, se informam, criam, conhecem, comunicam, socializam, se divertem e utilizam a



informação, que cresce exponencialmente a uma velocidade e velocidade maiores do que a transmitem de qualquer parte do mundo.

Tudo isso nos abre possibilidades - como nunca tivemos antes - de gerar, comunicar, acessar e utilizar conteúdos, o que tem resultado na garantia de que quanto mais informados e treinados estivermos, mais progrediremos. Porém, essas vantagens de superabundância, rapidez e possibilidades de ter conteúdos constantemente podem produzir riscos devido às limitações humanas para ler, analisar, refletir, assimilar conhecimentos e ter experiências, sobre as quais visões críticas já alertam para a possibilidade de nos tornarmos sociedades de ignorância, falta de conhecimento e falta de cultura, ao pensar confortavelmente que os meios de comunicação, a indústria da informação e a tecnologia irão reduzir e até isentar os esforços e o tempo que devemos investir na informação e na formação.

Diante deste panorama, a escola pode tornar-se um espaço onde os cidadãos possam escolher um caminho diferente dos determinismos culturais, sociais e educacionais, apropriando-se da leitura e da informação para se forjarem como cidadãos responsáveis pela construção das sociedades do conhecimento. A instituição assumiria uma dimensão maior na manutenção da sua formação ou *Bildung*, que seria integrada pela cultura escrita, pelas artes, pelo diálogo, pela interação social, pelas experiências, pelas competências pessoais e sociais. Mas a escola deve fazer com que a leitura se desdobre numa diversidade de possibilidades sob o domínio de leitores cada vez mais experientes. Assim, os sujeitos se formariam na medida em que potencializassem suas capacidades e se tornassem responsáveis pelo seu desenvolvimento e, com ele, pelo seu destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso**. Imágenes, gestos y voces. Barcelona: Paidós Ibérica; 1986.

BREY, A. et al. **A sociedade da ignorância**. Uma reflexão sobre a relação do indivíduo com o conhecimento no mundo hiperconectado. Barcelona: Livros da Infanzonía, 2009.



DEHAENE, Stanislas. **O cérebro leitor**: últimas notícias da neurociência sobre leitura, ensino, aprendizagem e dislexia. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores; 2014.

ECO, Umberto. **Signo**. Barcelona: Labor; 1994.

GAUDER et al., Heidi. Incentivar a leitura recreativa entre estudantes universitários. **Bibliotecas universitárias e de graduação**. 2007.

KURBANOGLU, Serap. An Analysis of Concept of Information Literacy. **Media and information literacy for knowledge societies**. Moscú: Interregional Library Cooperation Centre, 2013.

SHERA, Jesse. **Fundamentos de la educación bibliotecológica**. México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas (CUIB), 1990.

MCKENZIE, Dianne. **Information literacy is the basis for all learning**. Library Grits, 2010.

MASNY, Diana. Multiple Literacies Theory: how it functions, what it produces. **Perspectiva**, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete conhecimentos necessários para a educação do futuro**. 2a. reimprimir. Buenos Aires: Nova Visão; 2002.

OLIVÉ, León. O livro, a leitura e as bibliotecas na sociedade do conhecimento. **Leitura e vida**, 2009.

PISA. OCDE. **Os alunos leem por prazer hoje em dia?** PISA em Foco 8, 2011.